



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

MARIVALDA CABÉ DE ASSUNÇÃO

A MORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CENAS PEDAGÓGICAS.

Salvador
2016

MARIVALDA CABÉ DE ASSUNÇÃO

A MORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CENAS PEDAGÓGICAS.

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, para fins de conclusão do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil.

Orientadora: Dra. Maria Elisa Pacheco de Oliveira
Silva

Salvador

2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha Orientadora Prof.^a Maria Elisa Pacheco, pelo incentivo e prontidão no auxílio às atividades, principalmente sobre o fluxo e construção deste Trabalho de Conclusão de Curso, onde com toda certeza seus conhecimentos foram apresentados de uma forma relevante.

Agradeço a toda equipe da Universidade Federal Da Bahia, que no período da minha pós-graduação, foram os principais responsáveis pelo meu desenvolvimento intelectual.

Aos colegas da turma. Caros colegas, quando acreditamos do fundo de nossa alma em algo, nos sentimos mais fortes que o mundo, somos tomados de uma serenidade que vem da certeza de que nada poderá vencer nossa fé. Esta força faz com que sempre tomemos as decisões certas, nas horas certas; e quando atingimos o nosso objetivo, ficamos surpresos com nossa própria capacidade. A vocês sou muito grato pela convivência e cumplicidade.

E, enfim, sou muito grata a DEUS pela oportunidade, privilégio e sustentação. Ele é um amigo incondicional, meu maior ouvinte. Que me socorreu nas horas que mais precisei obrigado. Mais importante que o lugar que ocupa em nós é a intensidade de sua presença em tudo que fazemos.

RESUMO

Este trabalho com o tema “A moral na educação infantil: Cenas pedagógicas, no ano de 2016. Fundamentado na Psicologia Genética de Jean Piaget, e outros autores, buscou compreender se a Literatura Infantil, jogos dramáticos e teatrais, trabalhados na “Escola comunitária clube de mães a serviço da vida e da esperança” de forma planejada e intencional em uma intervenção de pesquisa em Educação Moral, pode contribuir para o desenvolvimento do juízo moral das crianças de 5 a 6 anos. Para alcançar tal objetivo, adotou-se a metodologia exploratória da pesquisa, na qual a pesquisadora atuou como observadora-participante, em que além de pesquisadora, tornou-se sujeito e objeto do contexto pesquisado, buscando auxiliar os participantes a transformar suas ações. Os resultados demonstraram alterações que apontaram para uma evolução no julgamento das crianças, as quais passaram a entender melhor os objetivos propostos.

Palavras-chave: Moral; Educação Infantil; Intervenção docente.

ABSTRACT

This work with the theme "Morality in early childhood education: teaching scenes, in the year 2016. Based on Genetic Psychology of Jean Piaget, and others, sought to understand the children's literature, dramatic and theatrical games, worked in the " Community School Club mothers at the service of life and hope "in a planned and deliberate way in a research intervention in moral education, can contribute to the development of moral judgment of children 5-6 years. To achieve this goal, we adopted the exploratory research methodology, in which the researcher acted as an observer-participant in that besides researcher, became subject and researched the object context, seeking help participants transform their actions. The results showed changes that pointed to an evolution in the judgment of the children who have come to better understand the proposed objectives.

Keywords: Moral; Child education; teaching intervention.

SÚMARIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 CONCEITO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL	9
2.1 EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES PIAGETIANAS:.....	10
2.2 EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES VYGOTSKYANA.....	14
2.3 A CONCEPÇÃO PSICANALÍTICA	Erro! Indicador não definido.
3 O AMBIENTE SOCIO MORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL	Erro! Indicador não definido.
3.1 ESTÁGIOS DO DESENVOLVIMENTO DA MORALIDADE PARA JEAN PIAGET	Erro! Indicador não definido.
3.2 O COMPORTAMENTO MORAL DA CRIANÇA	20
3.3 CONCEITO DE MORAL.....	Erro! Indicador não definido.
3.4 PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E REFERENCIAIS CURRICULARES PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL .	Erro! Indicador não definido.
3.5 AUTONOMIA E INDENTIDADE	Erro! Indicador não definido.
3.6 A MORAL NA INFANCIA	Erro! Indicador não definido.
3.7A MORAL NA ESCOLA.....	Erro! Indicador não definido.
3.8 A MORAL NA FAMÍLIA	Erro! Indicador não definido.
4 A INTERAÇÃO PROFESSOR-CRIANÇA COMO IMPERATIVO DO DESENVOLVIMENTO MORAL INFANTIL	Erro! Indicador não definido. 7
4.1 O QUE QUEREMOS DIZER COM “SALAS DE AULAS MORAIS”. Erro! Indicador não de	
4.2 O QUE QUEREMOS DIZER COM “CRIANÇAS MORAIS”?.....	30
4.3 COMO O AMBIENTE SÓCIO-MORAL INFLUENCIA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL	31
4.4 ESTABELECENDO UM AMBIENTE SÓCIO-MORAL CONSTRUTIVISTA Erro! Indicador	
4.5 O CONFLITO E SUA RESOLUÇÃO	Erro! Indicador não definido.
4.6 A HORA DA RODA	Erro! Indicador não definido.
4.7 ESTABELECENDO REGRAS E TOMANDO DECISÕES Erro! Indicador não definido.	
4.7.1 VOTAÇÃO.....	Erro! Indicador não definido.
4.8 DISCUSSÕES SOCIAIS E MORAIS.....	Erro! Indicador não definido.
4.9 ALTERNATIVAS COOPERATIVAS Á DISCIPLINA Erro! Indicador não definido.	
5 METODOLOGIA	Erro! Indicador não definido. 7

5.1 O CAMPO EMPÍRICO.....	Erro! Indicador não definido.
5.2 INSTRUMENTOS DA PESQUISA	Erro! Indicador não definido.
5.3 RESULTADOS E DISCURSSÕES.....	47
5.4 CRONOGRAMA DA PESQUISA.....	48
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

Iniciei a minha trajetória na pós-graduação no ano de 2015 logo após ter concluído a graduação em pedagogia na Universidade federal da Bahia. O motivo que me levou a escolher esse tema e a inquietação que observo nas crianças do grupo 5 com relação aos valores como o respeito, verdade, ajuda a pesquisar esse tema. A educação em valores morais se desenvolve na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas escolas, nas manifestações culturais, nos movimentos e organizações sociais, é uma questão fundamental da sociedade atual, imersa numa rede complexa de situações e fenômenos que exige, a cada dia, intervenções sistemáticas e planejadas dos profissionais da educação escolar.

Neste trabalho procura-se refletir sobre a importância da ética e moral quando ainda a criança está no início da escolarização cursando o ensino infantil. Nos tempos atuais é visível a falta de ética. Assim sendo é necessário reconsiderar a importância de se estudar a moral e a ética na sala de aula. É na infância que se inicia o desenvolvimento moral, e como é necessário o papel do educador diante de seus alunos nessa faixa etária, indicando breve importância sobre ética e moral, fazendo uma equivalência sobre essas questões, na educação de crianças ainda bem pequenas. Contribuindo para com educadores e todas as pessoas envolvidas e comprometidas com a educação infantil. A escola precisa ser um espaço onde haja a oportunidade da criança refletir através de um debate ético, para que possa sensibilizar-se e haver o início de sua formação moral. Entre as diferentes ambiências humanas, a escola tem sido historicamente, a instituição escolar como o melhor lugar para o ensino e aprendizagem dos Valores Morais, de modo a cumprir, em se tratando de educação para a vida em sociedade, a finalidade do pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o mundo do trabalho. Diante do exposto surgiu a seguinte questão de pesquisa: como a moral é trabalhada na educação infantil?

Sendo assim, o objetivo desse trabalho é analisar o espaço pedagógico como mediador de princípios morais entre os pares, diante do que surgiu na turma do grupo 5 em uma escola comunitária do município de Salvador. Para tanto será

necessário apontar como a família e a sociedade exercem influência sobre as ações da criança na escola e refletir criticamente a eficácia da mediação docente face as situações que surgem entre as crianças no ambiente escolar.

Com o intuito de alcançar à finalidade deste trabalho a metodologia escolhida é de abordagem qualitativa, de cunho etnográfico, por ser um estudo voltado para o social, que tem as pessoas como objeto de pesquisa, o etnopsiquisador “não considera os sujeitos de estudo um produto descartável de valor meramente utilitarista” (MACEDO, 2004, p. 30). Esta pesquisa ocorreu em uma escola comunitária localizada em um bairro periférico do município de Salvador. Atendendo aproximadamente 40 alunos da Educação Infantil na faixa etária de 1 até 5 anos. Os sujeitos/ fontes da pesquisa serão as crianças e a professora, por compreender que:

Na medida em que a criança não é vista apenas como um objeto a ser conhecido, a relação que se estabelece com ela, no contexto da pesquisa, começa a ser orientada e organizada a partir dessa visão. (...) colocando-a como parceira do adulto-pesquisador, na busca de uma permanente e mais profunda compreensão da experiência humana. (SOUZA; CASTRO, 2008, p. 53).

Nesta pesquisa, utilizamos observação e o diário de campo para produção de dados, visando responder à problemática abordada e atender a temática em estudo.

Segundo LUDKE E ANDRE (1986, P.12) na pesquisa qualitativa “[...] a preocupação com o processo é muito maior do que com o produtor; os dados coletados são predominantemente descritivos; e o significado que as pessoas dão as coisas e á sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador”.

Nesta perspectivas qualitativas, esse estudo procurou investigar a problemática analisando as relações dos elementos que a compõem, de maneira compreensível a partir do contexto no qual correm e por meios dos significados que os sujeitos atribuem àquilo que fazem.

2 CONCEITO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A escola tradicional era regulada a uma só relação à criança recebia os conceitos dos adultos de sua moralidade e a expressão do professor era autoritária, o aluno deveria submeter. Criticada por Piaget, que para ele esse modo de ensino parava construção da consciência moral infantil. Levando a criança aprender a produzir o modelo do educador sem construir sua autonomia.

Focalizar a sugestão de Piaget que é apreender como a criança estabelece conhecimentos para que as atividades de ensino sejam adequadas aos níveis de desenvolvimento das crianças. Por isso ele estruturou seu modelo de desenvolvimento.

O desenvolvimento é caracterizado por um processo de sucessivas equilibrações. O desenvolvimento psíquico começa quando nascemos e segue até a maturidade, sendo comparável ao crescimento orgânico; como este, orienta-se, essencialmente, para o equilíbrio. (PIAGET, 1974, P.13).

Compreender como a criança aprende, é preciso levar em conta, como a questão básica a sua realidade individual. Isso constitui que essa realidade é bastante distinta de uma pessoa para outra. Essa diferença se divulga em características de personalidade, ritmos distintos no cumprimento de trabalhos e formas próprias de interpretar o que acontece ao seu redor, sobretudo nas suas relações interpessoais.

Enfatizar as diferenças de ritmo é entender que têm ritmos diferentes não apenas para a realização de tarefas como também no desenvolvimento pessoal (físico, intelectual, emocional e social), o que é básico para a formação da criança no contexto da sua individualidade. Isso nos mostra o que comumente observamos numa sala de aula, quando crianças diante da mesma tarefa, reagem de formas diversificadas.

Para a Epistemologia Genética de Jean Piaget (1926, 1932, 1937, 1987) o sujeito tem papel ativo no processo de aprendizagem, pois ela concebe o desenvolvimento a partir da construção do sujeito em interação com o meio, ou seja, a interação entre sujeito e meio é primordial para o desenvolvimento e a construção do conhecimento (PIAGET, 1994, p. 23).

A relação desenvolvimento e aprendizagem antes de ser de caráter psicológico são de natureza basicamente epistemológica, sabe-se que toda informação provoca primeiramente uma relação entre dois eixos, ou seja, o sujeito que procura aceitar o objeto a ser conhecido.

Para que o professor seja bem sucedido no seu trabalho de ensinar, é necessário, deste modo, adaptar os desejos sociais (as que dizem respeito aos objetivos da escola). Essa adaptação às outras pessoas não acontece pelo caminho da autoridade repressora ou pela imposição, nem mesmo pela atribuição de tarefas estereotipadas e mecânicas impostas à criança.

O período importante desse procedimento é ouvir, alcançar e confiar nela. É precisamente por essa confiança que ela passa também a acreditar no adulto, abrindo a condição de proclamar suas habilidades e se projetar na caminhada da aprendizagem. A criança estará organizada para aprender quando tiver desenvolvido um procedimento ativo, o que é um destaque de que já tem ao seu alcance a possibilidade da informação e do conhecimento.

A educação infantil tem como objetivo defender um ambiente rico em estímulos, onde a criança poderá aceitar a viverem novas experiências, divulgar seus pensamentos, sentimentos e emoções livremente. No entanto propiciar à criança a vivência de situações que patrocinam o desenvolvimento da integração, participação, solidariedade, responsabilidade, criatividade e convivência, onde a criança possa crescer na sua autoconfiança e autonomia, na capacidade de adquirir e criar conhecimentos e encarar as dificuldades que se lhe apresentam, através da organização de um ambiente educativo, democrático e igualitário.

2.1 EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES PIAGETIANAS

Segundo La Taille (2006, p.49), Piaget tenta responder em suas pesquisas a seguinte questão: “Como os homens constroem o conhecimento”. A partir dela o biólogo baseou seus estudos, chamou sua teoria de epistemologia genética.

Pois seria filosofia da ciência, a parte que estuda o fenômeno do conhecimento e genética porque teria um sentido de epistemologia da construção

do conhecimento, sua gênese e evolução. Piaget ressalta a seguinte noção sobre Epistemologia Genética encontrada em seus trabalhos.

O conhecimento não poderia ser criada como algo predestinados nas composições internas do indivíduo, pois que estas procedem de uma construção efetiva e progressiva, nem nos estilos precedente do objeto, pois estes só são conhecidos graças à intermédio necessária dessas construções; e estas estruturas enriquecem e enquadram (PIAGET, 1983. p. 3). Ou seja, para o autor, todo conhecimento leva consigo um fator de preparar o novo. Sendo que, o grande problema está sobre o ampliação dos conhecimentos, na modificação de um conhecimento menos preparado para um mais complexo.

Apesar da questão voltada para o ser humano, e não somente para a criança, Piaget volta grande parte de suas análises para a criança, por ser nela que esse procedimento inicia-se e por ser a fase em que o indivíduo mais edifica o conhecimento.

Para o pesquisador a inteligência deve ser dividida entre função e estrutura. A primeira para a adaptação com a finalidade de sobrevivência. A segunda para descrever a inteligência, sendo formada por métodos que vão do menos complexo até os mais organizados. O crescimento, portanto, estaria associado à reorganização da inteligência e não Excesso de conhecimentos (LA TAILLE, 2006).

Piaget ampliou alguns conceitos, um deles foi o de assimilação. Retirou o termo da biologia, mas para psicologia piagetiana possui outro significado. La Taille (2006) afirma que quando o sujeito entra em contato com o objeto de conhecimento ele remove determinadas elementos, interpreta-as Identificando algumas e se desfazendo de outras.

Piaget (1983, p.52) afirma que a noção de assimilação “implica a de integração dos dados da estrutura anterior ou mesmo a constituição de nova estrutura sob a forma elementar de um esquema”. Define ainda três aspectos, o primeiro é referente à assimilação reprodutora em que o bebê repete a ação de sugar o peito mesmo sem leite. O segundo é a assimilação recognitiva, na qual o bebê recusa o dedo em favor do mamilo. O último diz respeito à assimilação generalizadora “uma vez adquirido o esquema de sucção do polegar, tudo o que é preensível é levado à boca e sugado” (MOTANGERO e NAVILLE, 1998, p. 116).

As composições mentais são apropriados de se transformar para dar conta das dados de um objeto e acomodá-lo. O sujeito que entra em contato com um novo objeto pode ficar desequilibrado nessa relação e para aceitar esse objeto ele deve acomodar-se, buscando um processo de equilibração.

É nesse momento que ocorre o desenvolvimento da inteligência entre o desequilíbrio e o reequilíbrio em que é preciso se desestabilizar para acomodar o objeto mais complexo e equilibrar-se novamente. (LA TAILLE, 2006).

O mesmo desenvolvimento ocorre com a abstração empírica e reflexiva. Abstração empírica são as informações que o sujeito retira do objeto do conhecimento, porém nesse procedimento o ser ainda pode refletir a jeito de relacionar e a respeito das ações que ele faz sobre o objeto, o pensar sobre seria a abstração reflexiva.

Piaget (1983) propõe níveis para explicar a construção do conhecimento, estes poderiam ser divididos em muitos, mas existem três principais.

O conceito desses níveis manda que o desenvolvimento da inteligência não é linear, fugindo do acúmulo de informação, ocorrendo por uma lógica da inteligência que será superada por um estágio à frente formando uma nova lógica de conhecimento. A sequência do desenvolvimento da inteligência, para Piaget, passa por cada estágio, não sendo possível pular nenhum deles. (PIAGET, 1983, p 7)

Sensório-motor (0 a 02 anos) é o primeiro estágio no qual a inteligência começa a se estruturar antes mesmo da linguagem.

O segundo nível é o pré-operatório (02 a 07 anos) o conceito principal desse estágio é o da representação, ou seja, “a capacidade de pensar um objeto através de outro objeto” (LA TAILLE, 2006). Aparece a função simbólica e com ela o desenvolvendo da linguagem. No entanto, a criança ainda demonstrará características de egocentrismo, no sentido de que ela não alcança se colocar no lugar do outro.

O último nível, operatório, conforme seu nome é marcado pela operação. Isto significa uma ação interiorizada reversível. Ação no sentido de trabalhar no mundo, e uma ação interiorizada seria imaginar uma ação. Sendo pela

primeira vez reversível porque a criança pode pensar a ação e reverter o que pensou.

Piaget (1983) divide este nível em concreto e formal. A diferença é que na fase das operações concretas (07 a 12 anos) a criança precisará de algo palpável, vivenciado ou concreto para compreender a operação e revertê-la.

Já no período operatório formal (12 anos em diante) o educando consegue fazer as hipóteses sem necessitar do concreto, podendo formular somente com o campo imaginário.

Piaget (1994) também desenvolve estágios para buscar compreender o processo de construção da moralidade em seu livro “Juízo Moral na Criança” para isto, o estudioso faz suas pesquisas através do jogo de bolinhas de gude. Inicia com duas questões a respeito das regras deste jogo: 1) “Como os indivíduos se adaptam pouco a pouco a essas regras, como então observam a regra em função de sua idade e de seu desenvolvimento mental.”. 2) “Que consciência tomam das regras, ou em outras palavras, que tipos de obrigações resultam para eles, sempre de acordo com as idades, do domínio progressivo da regra.”.

Antes é necessário ressaltar que as pesquisas foram feitas em Genebra Suíça durante o século XX e, portanto, a faixa etária e os resultados obtidos através das indagações poderiam não ser os mesmos se os estudos fossem baseados em crianças de outros locais do mundo e em tempos diferentes. Além do que, a teoria piagetiana acredita que o desenvolvimento cognitivo-psicológico é resultado da relação entre o ser e o meio ambiente, sendo assim, um processo de desenvolvimento interno que desconsidera as relações histórico-sociais que o indivíduo está inserido e os valores de uma determinada cultura escolar que também influenciam durante esse processo. Mesmo com esta lacuna em sua teoria, Piaget trouxe grandes contribuições para uma educação inovadora, mas é preciso ter consciência de que a cultura é algo fundamental durante este desenvolvimento.

2.2 EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES VYGOTSKYANA

Nas primeiras décadas do século 20, o psicólogo bielorrusso Lev Vygotsky (1896-1934) já protegia a convivência em sala de aula de crianças mais avançadas com aquelas que ainda precisam de auxílio para dar sua primeira etapa.

Ele propõe a existência de dois níveis de desenvolvimento infantil. O primeiro é chamado de real e engloba as funções mentais que já estão completamente desenvolvidas (resultado de habilidades e conhecimentos adquiridos pela criança).

Geralmente, esse nível é estimado pelo que uma criança realiza sozinha. Essa avaliação, entretanto, não leva em conta o que ela obteria fazer ou alcançar com a ajuda de um colega ou do próprio professor. (É justamente aí na distância entre o que já se sabe e o que se pode saber com alguma assistência que reside o segundo nível de desenvolvimento apregoado por Vygotsky e batizado por ele de proximal)

Nas palavras do próprio psicólogo, "a zona proximal de hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã". Ou seja: aquilo que nesse instante uma criança só alcança fazer com a ajuda de alguém, um pouco mais adiante ela certamente alcançará fazer sozinha. Depois que Vygotsky elaborou o conceito, há mais de 80 anos, a relação de crianças em diferentes níveis de desenvolvimento passou a ser enfrentada como um fator determinante no processo de aprendizado. LEV, VYGOTSKY (1896-1934).

Vygotsky estima as tarefas coletivas, cooperativas. Ao contrário de Piaget, que considera a criança como edificador de seu conhecimento de forma individual. O espaço computacional mede mudanças qualitativas na zona de desenvolvimento proximal do aluno, os quais não ocorrem com muita frequência em salas de aula "tradicionais". O auxílio entre crianças implica um trabalho de parceria conjunta para produzir algo que não poderiam determinar individualmente.

Porque, para Vigotski, o educador é "organizador do meio social educativo" (1926/1991, p. 159) e "educar significa organizar a vida" (VIGOTSKI, 1924/2003,p. 220), na escola e além dela. Para organizar a vida é preciso algum sistema

de valores morais, que guiem tal organização, para edificar modos de agir, pensar e sentir que temos como dignos de alcançar e aprimorar.

É certo que não nascemos livres nem autônomos. Portanto, um desenvolvimento é necessário para conquistar autonomia, independência afetiva, liberdade de ação e pensamento. O curso deste desenvolvimento vai do social ao individual (VIGOTSKI, 1932/2001). A ênfase é oposta a de autores como Freud e Piaget, para quem a criança é um ser individual que só depois se socializa.

2.3 A CONCEPÇÃO PSICANALÍTICA

À primeira vista, a relação pedagógica sintetiza à escolha de uma boa técnica de ensino, um planejamento apropriado das matérias, e um certo conhecimento das capacidades intelectuais dos aprendizes. Mas a educação escolar é assim apenas na aparência, mostra a psicanálise, pois as questões objetivas, método, planejamento, conteúdos das matérias etc. É o que menos importa no ato de educar.

Os ensinamentos psicanalíticos apontam nossa atenção para o amplo e complexo mundo subjetivo oculto no interior de professor e aluno, cada qual sofrendo continuamente a influência de seus específicos desejos, muitos dos quais é abordados pela repressão. Comenta-se muito e até se firma na legislação educacional que uma das tarefas da educação escolar é contribuir para a formação da personalidade da pessoa.

Sob o prisma da Psicanálise, essa presunção deve ser relativizada, pois os fundamentos do caráter do indivíduo já se encontram consolidados quando ele vai pela primeira vez à escola. Quando o professor entra em cena na vida da criança, tem diante de si um indivíduo dos quais, os traços fundamentais do ego já estão sedimentados. (FREUD, A.2006).

Todas as existências orais, anais, masturbatórias, todo o desordem edipiano que ampara o superego, enfim, traços principais do ego e de suas afinidades com o id já se deparam decididos nesse período. Desaceitação, repressões, mecanismos de defesa do ego e de sonegação de desejos já fazem parte da personalidade. (FREUD, S. 1996).

O professor, orientado pelos conhecimentos psicanalíticos, utiliza saberes que lhe aceitam conhecer ou ao menos conjecturar o que se passa com seu aluno nas diferentes fases de seu desenvolvimento, o modo como seu anseio se manifesta aos conflitos pelos quais passam e as angústias das quais está sendo vítima. O professor que entende a Psicanálise está à frente dos demais, pois tem em mãos um conjunto de referências que fornece um cenário, ainda que não exclusivo, sobre a vida psíquica da criança e do adolescente. (FREUD, A.2006).

Mas o professor não edificar o caráter de seu aluno, ele capacita, sim, agir de modo a não dificultar certas inclinações do caráter de seu educando. Uma criança que possua auto-imagem demasiadamente negativa, um jovem obcecado pela ordem e pela disciplina, um aluno que agride demasiadamente as autoridades para ficar em extremos.

São exemplos de casos que, muitas vezes, obtêm a confirmação de suas tendências nos modos do professor. Ao invés de suavizar certas inclinações já constituídas, o professor, por descuido ou excesso de zelo, acaba fazendo crescer traços de personalidade que trazem sofrimento ao educando. (FREUD, A.2006).

O que Freud quis dizer é que não existe a menor expectativa de vivermos coletivamente sem que cada indivíduo aprenda a emoção como bondade, união e cooperação. E esta emoção verdadeiramente se aprende, segundo ele, pois não são próprios do ser humano, conforme ficou evidente nos eventos da massa primitiva. Como são resultados de aprendizagem, precisam ser ensinados, pela família e pela escola.

Ele apontar mostra que a educação é aceitável, pois existe no próprio indivíduo, no interior de seu dispositivo psíquico, intenções que exigem a educabilidade. Mostra que a moral e a reflexão estão em organismo na estrutura do mecanismo psíquico. A sociabilidade torna aceitável o social e essa é verdadeira porque o indivíduo, em último momento, tem um interesse, trocar uma liberdade infinita, mas arriscada, por liberdade regrada, mas real, garantida.

O destaque freudiano não está reunido nos teores a serem dirigidos do professor para o aluno, mas no campo que se deposita entre educador / educando, um vínculo que basicamente foi dirigida ao pai. (CUNHA, 2008).

A mudança não se marca a pessoa, mas ao “lugar” que ela ocupa ou ao que ela concebe na fala. Só assim o educador pode tornar-se a figura a quem serão dirigidos os interesses dos alunos. A transferência se produz quando o desejo de saber do aluno se liga à pessoa do professor. O professor precisa estimular o desejo do saber no seu aluno e esse desejo do saber tem sua base na infância. (CUNHA, 2008).

3 O AMBIENTE SÓCIO MORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Na educação infantil o ambiente sócio moral não se dar com crianças que obedece aos adultos piamente. Mais sim, aquelas que obedecem conscientemente as regras respeitando com quem convive. Que seguindo essa regras dificulta sua verdadeira intenção se é para ser elogiado, respeitado, ou ser considerados pelos pessoas com qual convive sendo esse termo unificado. A criança de acordo com seu nível intelectual e suas experiências através do seu convívio na família e na escola ela entende a regra. (RHETA E BETTY, 1998)

As crianças dentro do espaço familiar ela aprende as regras privada, e que nem sempre essa regra concorda com as regras do espaço público. Cada família tem sua própria regra, já no espaço privado as regras são claras e duras, por tanto nem sempre aprendemos as sócias em casa. No espaço escolar as crianças se deparam com outras crianças e interagem com elas e para que haja convívio de direito iguais nesse grupo é preciso combinar regras e nesses acertos que começa aprendizagem sócio moral. (VRIES & ZAN, 1998, PAG. 90).

3.1 ESTÁGIOS DO DESENVOLVIMENTO DA MORALIDADE PARA JEAN PIAGET

Piaget (1994) divide os estágios da prática de regras em quatro: motor, egocêntrico, cooperação nascente e consciência das regras.

Motor; O primeiro estágio é desenvolvido por bebês ou crianças abaixo de dois anos de idade. É chamado de Motor por ser assinalado por hábitos motores onde “a criança manipula bolinhas em função de seu próprio desejo” (PIAGET, 1994, p. 33) e Individual por fazer parte de planos ritualizados pela própria criança que dão origem a um jogo individualizado.

Primeiramente o pesquisador notou que a criança “tem uma falta de série e direção na sucessão de conduta”, isto por que a menina avaliada utilizava as bolinhas de gude de diferentes formatos podendo ser a comida na panelinha, ovos em um ninho ou qualquer outro objeto que ela desejasse.

Percebe que o jogo simbólico, sem regras e individualizado. Notou, em seguida, que há também uma regularidade na qual a garota tenta colocar as bolinhas de gude em uma mesma cavidade da poltrona, e o que antes era um desafio, tornou-se “um esquema motor ligado à percepção de bolinhas” (PIAGET, 1994, p. 36).

No fim, a ação foi transformada em rito e a menina a repete sem dificuldades, porque assimilou e acomodou o que já foi um novo objeto. Este processo de repetição é importante, pois é a partir dos rituais e dos símbolos individuais que é desencadeado o desenvolvimento das regras e dos sinais coletivos.

No entanto, é preciso ressaltar que, isto favorece, mas não é a condição única para tal desenvolvimento, pois, mais a frente, os comportamentos também serão mediados pelo elemento da obrigação. (PIAGET, 1994, p. 36).

Apesar desta etapa não possuir regras coletivas é, como descrito acima, fundamental para a formação de esquemas mais elaborados para as etapas seguintes. Iniciam-se com símbolos individuais para compor adiante representações coletivas, como a linguagem, essenciais para o aprimoramento cognitivo humano.

O estágio egocêntrico é marcado pelo centramento, pois o indivíduo tem dificuldade de perceber o ponto de vista do outro. Enquanto o estágio da cooperação nascente é da prática de regras, caracterizado por uma precisão de uma compreensão recíproca. A criança enxerga seu adversário no jogo e se importa com ele. Joga não para si mesma, mas para vencer. O jogo, que antes se originava no prazer essencialmente motor e egocêntrico, tornou-se social. Os indivíduos buscam a compreensão das regras do jogo, no entanto, dão respostas divergentes sobre como jogar quando são questionados isoladamente. Entre onze e doze anos o interesse pela ideia e discussão das regras aparece. Este período é denominado de codificação das regras. Os jovens respondem com coerência ao questioná-los sobre as leis do jogo, concordando com precisão sobre regras colocadas em uma partida. (LA TAILLE, 2006)

A consciência das regras Além dos estágios da prática das normas se propõe a consciência da regra. Esta evolução da moralidade é dividida em três estágios, cujo primeiro, a anomia quando a criança está fortemente ligada a

costumes motores que virarão ritos, pelos quais a criança sente prazer. O objeto será aproveitado para ocupar seus anseios motores e suas fantasias simbólicas. O costume levará a criança a desenvolver regras basicamente individuais, pois o indivíduo não compreende ainda as regras coletivas. (PIAGET, 1994)

O segundo estágio, o da heteronomia tem início quando a criança começa a querer jogar conforme as regras exteriores. Os heterônomos armam as regras como imutáveis, sendo esta uma característica necessária para que a lei venha a ser autêntica. O fato é devido à crença de que as regras são estabelecidas por uma espécie de divindade, pois são advindas de uma autoridade. As crianças acreditam que é obrigação seguir o que foi imposto e quem estabelecer contratos sociais para modificar as leis, estará cometendo um delito. (PIAGET, 1994, p.34).

Por volta dos dez anos inicia o da autonomia começando na segunda metade da fase da cooperação. A regra exterior será fruto de contratos arranjados a partir do grupo.

Piaget (1994) destaca três principais mudanças em relação à etapa anterior. Primeiramente ressalta que as regras não são mais únicas como antes, possuem maior flexibilidade e podem ser modificadas desde que haja um acordo mútuo.

A inovação será recebida, assim como as opiniões, porém só serão aliadas à legislação se passarem pela avaliação dos demais. As pessoas autônomas “não acreditam mais que tudo tenha sido feito da melhor maneira no passado e que o único meio de evitar os abusos é respeitando rigorosamente os costumes estabelecidos.” (PIAGET, 1994: p. 61) A criança entende que as regras não são eternas, mas transmitidas através de gerações.

3.2 O COMPORTAMENTO MORAL DA CRIANÇA

O discernimento de justiça é ponto central (PIAGET, 1994, p. 23). Estudou sobre a forma como os pequenos suportam as regras em posições de jogos e faz escolhas morais. Verificou que a construção do sentido de reto e injusto tem ligação com o desenvolvimento cognitivo. Segundo ele, as crianças passam por diversos tipos de entendimento em relação às regras, e a medida que amadurecem alcançam

cada vez mais capacidade de se envolver com elas de maneira crítica. Assim, formam uma moral dita autônoma, pela qual passam a atender a intencionalidade dos atos.

Nos primeiros anos de vida, as crianças vivem um período de iniciação às regras e precisam da intromissão constante de um adulto que os dirija sobre o que é admissível, como por exemplo, não morder o irmão e não bater nele, pedir um biscoito ao dono do pacote em vez de tomá-lo. As regras existem para regular a relação de condutas entre as pessoas. (PIAGET, 1994).

Conhecendo regras, as crianças obtêm um primeiro bloco para atuar em grupo, mas não pensam sobre elas. Eles exercem porque respeitam uma autoridade (pais, professores, etc.) e não basicamente porque concordam com elas.

Por exemplo, uma criança da Educação Infantil souber que é proibido jogar objetos nos colegas, e subir na mesa da escola, ela possivelmente não fará isso por recear uma repreensão e não porque pensou sobre esses atos e seus efeitos.

Tratando, assim, de uma norma de conduta dita heterônoma. "É essencial, porém, que ela seja dirigida a agir de maneira cooperativa em relação ao outro, mesmo quando ainda não alcance ter noção da importância disso".

Por exemplo, se uma criança da Educação Infantil souber que é proibido jogar objetos nos colegas, e subir na mesa, possivelmente não fará isso por recear uma repreensão e não porque pensou sobre esses atos e seus efeitos. Tratando-se assim de uma norma de conduta dita heterônoma. É essencial, porém, que ela seja dirigida a agir de maneira cooperativa em relação ao outro, mesmo quando ainda não alcance ter noção da importância disso. Assim, em um conflito em que uma criança não deixa o outro participar da brincadeira porque não sabe perder, é importante que o professor faça a mediação. Ela pode agenciar e ouvir a criança que foi recusada e aquela que a impediu. É possível chegar a um entendimento, para que ambas colaborem e possam brincar juntas, embora segundo a forma delas. (PIAGET, 1994).

3.3 CONCEITO DE MORAL

Numa precisa definição de moral, podemos dizer que se trata de uma relação de valores, de regras e de conhecimentos do que é certo ou não, proibido e admitido, dentro de uma organização, e de uma cultura. Sabemos que as práticas positivas de uma regra moral são admiráveis para que convivesse em uma sociedade, fato que fortalece cada vez mais a relação dos laços que garantem a solidariedade social. (VÁSQUEZ, 1998).

3.4 PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E REFERENCIAIS CURRICULARES PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

O assunto sobre ética obteve nova visibilidade no contexto escolar a partir da discussão dos temas transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), cujo conteúdo visa uma sociedade mais justa e estável.

Publicado em 1997, pelo Ministério da Educação e do Desporto (MEC), por meio da Secretaria de Educação Fundamental (SEF), os PCNS constituem-se numa coleção de dez volumes contendo orientações curriculares para o desenvolvimento do ensino fundamental no país. Visando, ainda, contribuir também com o ensino infantil, abrangendo às creches, entidades equivalentes e a pré-escola, o MEC publicou, sendo parte integrante da série de documentos dos PCNs, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI). (VRIES E ZAN, 1998).

Tais propostas, elaboradas por especialistas da educação, tem como objetivo, dentre outros, contribuir para que educadores e outros profissionais ligados à tarefa educativa desenvolvam uma intervenção pedagógica mais articulada com os ideais da democracia e do efetivo exercício da cidadania.

Os PCNs explicam o exercício da cidadania como a conquista de igualdade dos direitos sociais nas relações de trabalho, previdência social, saúde, educação e moradia, considerando o cidadão não só como portador de direitos e deveres, mas também como criador de direitos num mundo pluralista.

Para os PCNs cidadania é a participação efetiva na produção e usufruto de valores e bens de um determinado contexto: Ser cidadão é participar de uma sociedade, tendo direito a ter direitos, bem como construir novos direitos e rever os já existentes (...) O bem comum é bem coletivo, bem público. O público é 'o pertencente ou destinado à coletividade, o que é de uso de todos, aberto a quaisquer pessoas'. (PARÂMETROS, 1998B, P. 54).

É, então, 'o campo da democracia', como espaço de realização de direitos civis liberdade de ir e vir, de pensamento e fé, de propriedade; de direitos sociais de bem estar econômico, de segurança; e de direitos políticos de participação no exercício do poder de todos os homens e mulheres. Ao entender o poder como possibilidade de atuação, de interferência e determinação de rumos na sociedade, verifica-se que, para haver uma sociedade realmente democrática, o exercício do poder deve se dar numa perspectiva de pluralidade (BRASIL / PCNs, 1998, p. 54 - 55).

A concepção educacional presente tanto PCNs, nos como nos RCNEIs aponta para a formação de indivíduos autônomos, críticos, participativos e que atuem na realidade de maneira competente, digna e responsável. Essa maneira de explicar o processo de ensino e aprendizagem baseia-se na perspectiva construtivista representada, principalmente, pela psicologia genética de Piaget e pelo modelo sociohistórico de Vygotsky. (VYGOTSKY 1995).

3.5 AUTONOMIA E IDENTIDADE

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, identidade envia à idéia de separar. Diz o documento: "é um sinal de diferença entre as pessoas, ao iniciar pelo nome, seguido de todas as características físicas, de modos de atuar, e de pensar e da história pessoal".(BRASIL, 1998, Vol. 2)

Estabelecer a identificação sugere aceitar os próprios gostos e prioridades e dominar capacidades e limites, sempre levando em conta a cultura, a sociedade, o ambiente e as pessoas com quem se convive. Esse autoconhecimento começa no início da vida e segue até o seu fim, mas é essencial que alguma informação seja contraída ainda na creche.

Assim que nasce, o bebê permanece um bom tempo em união com a mãe. Isso significa que ele ainda não é capaz de distinguir os próprios limites e os limites do outro. Por isso, o desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida está intimamente ligado a experiências de frustração no dialeto freudiano pelas quais terá de passar para entender como um ser único em meio a outros seres igualmente singulares, ou seja, um ser com identidade própria.

O grau da formação da identidade está nas pessoas com as quais a criança constitui ligação. A família é a primeira passagem de socialização. Em seguida, o tão importante quanto, está à escola. (BRASIL, 1998, Vol. 2)

A autonomia, segundo o mesmo referencial curricular é "a competência de conduzir e de aceitar decisões por si próprio, levando em conta regras, valores, e o aspecto pessoal, bem como o aspecto do outro". Ter autonomia significa ter vontade própria e ser competente para atuar no mundo em que vive. É na creche que a criança conquista suas primeiras aprendizagens adquire a linguagem, aprende a andar, forma o pensamento simbólico e se torna um ser sociável. (BRASIL, 1998, Vol. 2)

3.6 A MORAL NA INFÂNCIA

Em todos as pesquisa, a moral é depositada ao lado da educação, em benefício da relação essencial entre as duas áreas. As crianças, aquelas que convivem na educação Infantil, e que ainda não chegaram a construção do pensamento lógico concreto, têm como marcante o de ignorar qualquer regra e a dirigir sobre si mesma as relações presentes no seu ambiente físico e social. As inclinações entre as crianças e as pessoas que as abraçam e cumpre a ação principal na formação dos seus sentimentos morais já que a criança não tem estes sentidos prontos.

Os relacionamentos que ela vai desenvolver com outros indivíduos dos quais ela estar sujeito, serão criados e exercerão influências mais ou menos profundas para construir a realidade moral da mesma. (PIAGET, 2007, p.64-65).

3.7 A MORAL NA ESCOLA

No contexto escolar, espaços de vários atores, a ética faz-se presente em ocasiões imensuráveis, uma vez que está vinculada às relações que se processam entre esses atores.

Conforme Lavelberg (2010): Um dos desafios atuais da escola é colaborar para a formação moral e ética dos alunos-cidadãos. É necessário que, nos espaços educativos, seja colocada e problematizada a participação do indivíduo na vida pública o que ação a consciência de realidades, conflitos e interesses individuais e sociais, o conhecimento de mecanismos de controle e defesa de direitos e a noção dos limites e das possibilidades de ações individuais e coletivas.

A idéia de participação social precisa ser sempre estabelecida. Há vários caminhos para ensinar normas, valores e atitudes passíveis de estabelecer as relações para uma convivência justa. As tarefas educacionais que movimentam conteúdos atitudinais devem estar nas ações cotidianas e fazer parte dos objetivos de aprendizagem. (LAVELBERG, 2010).

Diferentes atividades pedagógicas levam a reflexões ao pensamento crítico dos eventos que ocupam e preocupa a vida de todos nós apresentação e crítica de dilemas morais, Leitura crítica de textos que tratam de direitos básicos, atuação em trabalhos voluntários

Nesse contexto, o orientador educacional garantir que essas ações tenham sempre um caráter formativo, nunca moralizador. O ideal é trabalhar junto com a equipe de professores na introdução curricular de práticas que estendem as probabilidades de reflexão e ação dos alunos dentro e fora do contexto escolar.

Porém o mais importante é retificar o princípio ético que direciona essas práticas, confirma que o estabelecimento transformador, forme indivíduos envolvidos com a elucidação dos problemas do mundo e com soluções que busquem uma vida boa, digna e justa para todos.

Retificando os princípios éticos que direciona essas práticas, confirma que a escola, enquanto a instituição socializadora, forme cidadãos danificados com a elucidação dos problemas do mundo e com recursos que busquem uma vida boa, digna e justa para todos. (LAVELBERG, 2010).

3.8 A MORAL NA FAMILIA

Falar de moral e ética na família é falar da nossa existência social, já que a mesma é um ponto criador de nossa sociedade. Falar da família é discutir sobre a organização e o funcionamento de uma instituição que se tornou variadas com o passar do tempo. A moral e a ética são partes constitutivas da família, e é nessa instituição que se formam algumas maneiras dos seus membros. A família representa a moral para muitas instituições como a igreja, a escola e o estado. Lembramos que cada família é uma pequena composição do que decorre na nossa sociedade, Estado e a nossa volta, a família é tanto modificadora como manifestadora dos anseios de uma organização social. Cada família é basicamente única em suas características, pode ser o caso de moral e ética adaptáveis, já que estes dois termos são simplesmente vividos de acordo com cada contexto.

4 A INTERAÇÃO PROFESSOR-CRIANÇA COMO IMPERATIVO DO DESENVOLVIMENTO MORAL INFANTIL

A análise dessa pesquisa almeja explicar a influência do relacionamento que ocorre no cotidiano escolar entre o professor e aluno. A vivência dessa relação construída em sala de aula é fundamental para sucesso no âmbito escolar. Destacamos ainda que essa convivência afetiva na sala de aula é vista como desafio para o docente pós-moderno, sendo o papel do docente expressa interesse pela evolução de seus alunos, e deste modo respeitar suas particularidades, construído assim um ambiente criando um ambiente mais aprazível e agradável para uma aprendizagem significativa.

As relações entre professor e aluno devem ser direcionadas para a amizade, faz necessária uma troca de solidariedade, de consideração mútua, não é viável o desenvolvimento de qualquer nível conhecimento em ambiente hostil. Nesse panorama ficar estabelecido que o respeito que criança tem pelo adulto é unilateral, nesse contexto poderá haver dos cenários emocionais distintos: afeto e o medo; esses dois sentimentos são percebidos, mas simultaneamente percebidos pela criança quando envolvidas em situações resultantes das suas desobediências.

É da existência desses dois sentimentos que surge o respeito unilateral. Por isso, se houver afetividade há possibilidade de pôr em prática o respeito mútuo, tão necessário para o desenvolvimento das relações pessoais em qualquer que seja o meio humano e, através dele, a aprendizagem flui com mais facilidade. A escola hoje, mais do que em qualquer outro tempo, é um espaço onde se constroem relações humanas.

O respeito unilateral só poderá existir nas ocorrências desses dois sentimentos. Portanto, quando tem afetividade há mais chances de colocar em prática o respeito mútuo, tão fundamental para o desenvolvimento das afinidades particulares em qualquer que seja o meio humano e, pelo meio dele, a aprendizagem em uma maior fluidez e os processos humanos ocorrem com mais facilidade. Nesse contexto a escola nos dias atuais, além de qualquer outro período, é um ambiente onde se estabelecem as relações humanas.

É demonstrado nos estudos de Piaget (1999, p.53), a afetividade quando alcança o terceiro estágio do desenvolvimento mental, o operatório concreto, a criança nesse estágio estar no ensino fundamental, nesse período a mudança é significativa pois ficar evidenciado o auxílio entre os indivíduos onde há mutuamente uma sintonia que afirma a autonomia e a conexão e nesse contexto vai surgindo novos sentimentos morais, aonde a aspiração induz a uma melhor integração do eu a uma regulamentação da existência afetiva.

De uma forma primária à criança constitui a formação da moral de obediência ou heteronomia, ou seja, a uma submissão da criança pelo outro. No segundo momento, por meio do auxílio, entre as crianças se firma uma consideração mútua que só se consolida quando os sujeitos imputam reciprocamente uma importância pessoal equivalente que não se restringe a apreciar uma ou outra ação específica. Quando há o respeito mútuo na amizade constituída na estima e em toda colaboração que exclui a autoridade Neste caso, ocorre a autonomia (a criança se autogoverna).

No ambiente escolar que o respeito mútuo é incentivado, a formação de novos sentimentos morais distintos da obediência inicial. Compreendo que estas são mudanças relativas aos sentimentos de norma pré-estabelecida, ou seja, uma regra poderá ser definida, as que criam elos entre as crianças, como aquela que as une aos adultos. Nesse contexto, a regra não se torna acatada como vontade de um superior, mas, sim como vontade soberana entre as partes envolvidas é o resultado entre as partes é um acordo. Entretanto na construção da vontade, a criança pode superar seus desejos imediatos e a permanência dos valores propriamente ditos torna-se viável. O aprendizado do querer se apresenta no subversão dentre duas disposições: percebe-se que a vontade tentadora e um dever. Quando o dever, momentaneamente enfraquece em relação o desejo, o anseio se torna manter os aspectos das norma de valores.

Piaget (1999) relacionou a vontade à uma manobra lógica. Segundo ele, a vontade é comparável no plano cognitivo à habilidade operatória que livra o ser humano das utopias perceptivas, à aspiração das vontades e interesses imediatos o que lhe permite estabelecer conclusão prioritárias a longo prazo, ou seja, estabelecer um projeto de vida.

Com o passar do tempo, o pensamento formal próprio acontece na última etapa do desenvolvimento mental, o operatório formal, próprio das crianças do final do ensino fundamental, acende a inovadoras possibilidades: tudo isso ocorre quando o indivíduo se torna capaz de pensar sobre hipóteses, as suas ações excedem as alcances do real, oferecendo origem a valores ideais, tais como a igualdade, a justiça, a solidariedade e a liberdade. (PIAGET, 1999, p.57).

4.1 O QUE QUEREMOS DIZER COM “SALAS DE AULAS MORAIS”.

As salas de aulas morais, é uma sala de que promove o desenvolvimento infantil utilizando com aspecto fundamental ambiente sócio moral e conexões interpessoais que podem ocorrer no ambiente escolar. Nesse contexto tem relevância as relações com professor, colegas, estudos e regras.

Três ambientes sócio-moral foram analisados, o primeiro apresentou um campo de treino de recrutas, nessa perspectiva a professora era ríspida com a turma e havia uma constante necessidade de obediência. A comunidade das crianças vê na docente uma mentora o clima dessa sala de aula é de respeito e as ideias das crianças são respeitadas, todos os objetos em sala de aula são positivos. O terceiro ambiente sócio-moral a fábrica, classe tem pressão para obediência no comportamento em sala de aula e nas tarefas solicitadas pela docente, mais a sistemática é uma aula com a professora gerente.

O foco primário da relação sócio-moral é a relação professor-aluno e crianças com colegas, sendo essas as demandas principais em sala de aula. A relação professor-Aluno ocorre de maneira autoritária ou cooperativa, o exercício de poder da sargento-instrutor e gerente em relação mentora demonstra ambiente de aprendizagem com tipo de influência mais eficiente e com resultados mais promissores na comunidade, portanto com distanciamento efetivo causado pela fábrica e pelo campo-treinamento são estilos que buscam uma série de regras e comportamento que tiram das crianças a sua própria autonomia. As relações entre colegas também sofrem opressão do campo de treinamento, pois a professora é contra as interações entre as crianças. Por outro lado fábrica e a comunidade

estruturam um ambiente sócio moral, mais essas relações podem ser amistosas ou tensas, não sendo fundamental para ambiente sócio moral que buscar o desenvolvimento infantil.

As pesquisas sobre o ambiente sócio-moral nas três sistemáticas mostrou uma grande diferença campo de treinamento e Fábrica e comunidade as criança em todas as três classes apresentam uma certa complexidade nas relações, enquanto as crianças comunidade são engajadas aos aspectos sócio moral.

O ambiente sócio-moral é subentendido como currículo implícito em que o docente só tem percepção e responsabilidade direta do desenvolvimento intelectual, mais havendo comunicação no âmbito escolar existe claramente uma influencia sócio-moral sendo estabelecida no cotidiano escolar, nesse contexto a professora querendo ou não passa valores aos seus alunos. A idéia de exerce autoridade sem filtros é inaceitável, pois e contra a idéia de liberdade e uma sociedade livre. O ambiente sócio moral precisa ter sistemática avança como a comunidade, que através da educação construtivista que respeitando em seus diretos a expor opiniões e suas emoções no ambiente sócio moral pleno e eficaz.

4.2 O QUE QUEREMOS DIZER COM “CRIANÇAS MORAIS”?

O conceito de crianças morais vai além de regras da sociedade comportamental, como respeito aos colegas e a professora, ou estar dentro de aspectos positivos padronizados pelas convenções sociais vigentes a obediência não dever se baseada em recompensa ou punição. As perspectivas das crianças morais são mais realistas, pois o seu raciocínio é baseado na apreciação de julgamento, certo e errado, sim ou não, comportamentos sócios baseado em fundamentos pré-estabelecidos, ou seja, subordinação a regras e assim constrói opiniões próprias das ocorrências da vida cotidiana.

Os teóricos Selman (1971), baseado no trabalho de Piaget, demonstrou a questão adoção sobre como para criança difícil pensar na perspectiva do outro, Piaget, em trabalha apontar várias questões sobre a moralidade infantil e como as mesmas são estimuladas. Kohlberg (1958) ampliar mais a visão sobre os estágios

do julgamento moral. Os três teóricos deram uma maior compreensão sobre como as crianças estabelece os pensamentos morais. As observações de crianças morais na sala de aula, resultaram uma ampla compreensão a importância do modelo Selman, para reconhece a interação da criança e se a mesma está sendo cooperativa e se há engajamento com turma. Ficou evidenciado nesse capítulo que as crianças tidas morais, são baseadas e fundamentadas no construtivismo. Pois somente nessa plataforma de ensino é possível prevê e guiar as crianças para a moralidade equivalente.

4.3 COMO O AMBIENTE SÓCIO-MORAL INFLUENCIA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

O ambiente sócio moral é fundamental para a criança, pois nesse ambiente ela aprender conceito de forma satisfatória e insatisfatório, e ampliar a percepção do certo e errado da vivencia com adulto. Os professores nesse panorama precisam estabelece ambiente construtivista. A interação social e construção do self evidência o pensamento só si mesmo na perspectiva do outro, a uma construção do mundo social.

Voltamos para questões das classes no capítulo1, relacionamento tão tenso em no ambiente sócio moral da “Sargento instrutora” e do “Campo de treinamento” essa falta de encorajamento em colegas da turma, torna a sala de aula para criança um ambiente cansativo e desinteressante, por outro lado, o ambiente em comunidade em que mentora socializa o ambiente para mesmo ser otimizado, os acontecimento espontâneos são utilizados para lições de companheirismo e gerar uma moralidade autônoma.

O professor nesse relacionamento ver que seu papel é desviado, pois o seu papel é educacional, Piaget sobre o relacionamento do professor-aluno que um buscar desenvolvimento infantil e o outro retarda. O professor faz papel do adulto coercivo, segue um sistema de regras, baseados regulamentos pré-estabelecidos que buscar a obediência, por outro lado, temos o professor que da autonomia para que criança tenha princípios deliberadamente edificados por conta própria. O professor precisa encorajar no ambiente de sala de aula as relações de amizade com colegas por assim influencia a construção de um ambiente sócio moral, e essas

interações ajudam a formar nessas crianças a capacidade de compartilhar, resolver conflitos, e compreendo o outro acabar se conhecendo e tendo um senso moral elevado. Mais para isso ocorre de forma satisfatória o professor construtivista, precisa apoiar os seus alunos ajudando na interação de forma lúdica.

4.4 ESTABELECENDO UM AMBIENTE SÓCIO-MORAL CONSTRUTIVISTA

O objeto do construtivismo é incentivar o desenvolvimento infantil, para que esse desenvolvimento ocorra é necessário levar em consideração questões fisiológicas, emocionais e intelectuais. Organização de um ambiente educacional que promova a interação em os alunos haja engajamento entre companheiros, que seja algo natural entre as crianças. Portanto é necessária a responsabilidade das crianças nesse processo de experiência e cooperação no ambiente sócio moral. O professor precisa no contexto do construtivismo manter o interesse atraindo o interesse da criança. Teóricos renomados como Piaget, tem a visão que no construtivismo o interesse é um combustível importante para engajamento e conseqüentemente os esforços serão mais produtivos. Um exemplo eficiente do ambiente sócio-moral é quando varias atividades lúdicas ocorre no meio ambiente de maneira simultânea e todos os envolvidos estão engajados. O professor nesse contexto tem o papel fundamental, ajudando a criança a construir um equilíbrio emocional, que ocasione no ambiente sócio-moral uma cooperação e entendimento sempre promovendo uma influência positiva.

4.5 O CONFLITO E SUA RESOLUÇÃO

O conflito na sala de aula faz sistemática de todas as classes desde campo treinamento a comunidade passado pela fábrica, as escolas ver conflito como algo inaceitável. A questão é como todas as abordagens orientam e buscam as soluções dos conflitos. A resolução de conflitos na abordagem construtivista assume o direcionamento o intra-individual e inter individual ambos fundamentais para evolução cognitiva e moral. A análise do conteúdo demonstra que ambiente sócio

moral construtivista é melhor abordagem educacional para a compreensão entre alunos em comparação a sistemas arcaicos em sala de aula.

O professor precisa ter atitude construtivista nos dilemas e conflitos que surgem em sala de aula, o profissional de educação precisa ser manter calmo, orientar os seus alunos sem ser autoritário e compreender que conflitos pertencem às crianças e cabe a elas resolverem os seus dilemas. Existem 14 estratégias que professor precisa domina para se dar com as crianças em conflitos em todos eles buscam abordagens inteligentes por parte do professor, e se bem aplicados podem trazer resolução plausível para o conflito. Não é papel do professor leva a zanga da criança para lado pessoa, o mesmo precisa restabelecer a estrutura da comunicação e do relacionamento. Se não ouve êxito na comunicação e problema não tiver solução adequada o docente deve buscar auxiliar para ser interlocutor que buscar através do diálogo uma solução, seguindo os padrões construtivistas.

4.6 A HORA DA RODA

São muitas momentos em sala de aula, mais a hora da roda é fundamental para um ambiente sócio moral é cognitivo, a evolução intelecto só ocorre ferramentas como autor regulagem. Na perspectiva docente é um momento desafiado, pois o mesmo nesse momento precisa estabelece o senso de comunidade. Objetivo cognitivo e promove o raciocínio e a inteligente das crianças. A roda ensina crianças a respeitem regras, a ter autonomia em suas escolhas e decisões além de incentiva a discussão de acontecimentos que foram relevantes na sala de aula. Mais para sucesso dessas dinâmicas, é preciso usar mecanismo educacional como música, literatura entre outras ferramentas, através dessa atividades na roda, se cria o sentimento de identidade de grupo.

O docente na roda precisa usar estratégia como o lugar de cada um na roda usar mecanismo estratégias para liderada ao ponto controle as ações e problemáticas que possam ocorre durante a toda. Na roda pesar a questão do reconhecimento quando uma criança e deixada de lado na roda, a mesmo tem sentimento que não estar sendo valorizada, cabe ao professor saber reconhecer esse momento, e incentiva a criança que a roda só é completa com ela, e a mesma tem muita importância para roda. Pois viver em comunidade é assumir papel, e na roda elas tomaram decisões juntas e um escutará o outro de uma forma dinâmica e para construtivismo a roda é fundamental.

4.7 ESTABELECENDO REGRAS E TOMANDO DECISÕES

O dispositivo mais relevante do construtivismo é que as decisões precisam ser tomadas por todos. O professor dar espaço para que a criança ajude no decorrer da aula. Toda essa liberdade da comunidade estar baseada regulação e cooperação, nesse contexto o professor ampliar autonomia. O estabelecimento de regras vindo da própria criança pode causar insegurança por parte do professor, faz necessário por parte do professor exercer liderança, sugerindo discussões para estabelecimento de regras e orientar o papel delas no cumprimento das regras prefixadas.

São 10 diretrizes que professor precisa conhecer para estabelecimento de regras, evitar a palavra regras com as crianças, pois as mesmas podem suprimir o lado negativo, segundo ponto é focar em um problema específico não ficar dando voltas, a terceira é o professor explicar os aspectos positivos das regras dando razões para as mesmas existir, e a partir dessas diretrizes iniciais fundamentar todas as regras, motivos razões e utilizar de estratégias para sua aplicabilidade. Nesse contexto, a turma tem que seguir a cultura das regras criadas, portanto as regras precisam ficar em evidência para que todos possam consultá-las. O professor precisa conduzir aplicação de regras, pois as crianças são muito rígidas na aplicação e sem filtros essas regras serão problema. Por isso faz necessário o papel de mediador nas discussões, mais sem influência ou aplicar as regras.

4.7.1 VOTAÇÃO

Um sala de aula construtivista precisa ter votação, mais nem todas as votações seguem padrão sócio moral, por isso a votação necessita da autorregulação, que possibilita que as crianças possam acompanhar e analisar todos os acontecimentos e assim torna decisões que respeitem as regras pré-estabelecidas pela turma e respeitem os aspectos da comunidade. A votação permite que a criança respeite a vontade da maioria, sendo menos egoísta, e ter suscetibilidade das questões da minoria. A mesma vai aprender fazer relato dos acontecimentos de maneira relevante, melhorando sua aprendizagem no contexto geral.

O construtivismo e democrático, pois, ele determina que processo só levante questões para votação, analisando o ponto de vista das crianças e analisar se haverá diversos de posicionamento, que provoque uma mudança ou melhore a perspectiva sobre a votação. A maneira votação é conduzida normalmente pesquisa de opinião e voto secreto, em caso de empate a turma precisa procura a solução de forma desafiadora sobre o que fazer. Toda exaltação controlada e discussões com os companheiros refletem uma tentativa eminente de acordos e de expressão, esse processo faz parte da votação. Nessa prerrogativa o professor deve limitar situações não compatíveis ou exageros, e mostra que minoria que perdeu votação deve ser respeitada sobre o seu posicionamento e buscar sensibilidade da parte de todos os envolvidos na votação. A linha de pensamento construtivista, buscar respeita a vontade da maioria, mais mesmo com lado vencendo é possível apontar ponto de vista da minoria criando um ambiente socio-moral dinâmico e eficaz.

4.8 DISCUSSÕES SOCIAIS E MORAIS

Os pesquisadores tentar estabelece o que é sócio tem haver com moralidade, ou fundamentação do termo sócio-moral. A perspectiva sócio moral é aspecto importante do desenvolvimento da criança em sala de aula, pois levar a mesma a ter raciocínio da moralidade. No raciocino moral as crianças discutem atitudes e comportamento e passam a compreender dilemas morais. Cabe ao professor usar dilemas morais do cotidiano ou da própria literatura para engajamento do grupo sobre o que certo ou errado nas circunstâncias sociais. Compreendendo sempre que em sala de aula uma questão abordada não pode ser vista como certo ou errado, pois objetivo em sala é promover raciocino moral do grupo, e com discussões sobre a problemática cada um tem ponto de vista sobre os fatos. A seis diretrizes que passam pelas ideias de defini um assunto que crie um ambiente propício a discussão, repetição do dilema para que a criança possa pensar sobre vários ângulos, mostra a criança várias possibilidades sobre a situação pesquisada mais para isso precisam perguntas relevantes, ajudar o raciocino da criança, ajudando a criança no esclarecendo as suas próprias ideias, e a ultima diretriz uma das mais importantes é aceita os raciocínio da criança sem julgamento. O professor precisa ajudar a criança a reconhece e analisa vários pontos de vista distintos e

encontra uma solução que seja justa, e que tenham justiça e considere todos os envolvidos.

4.9 ALTERNATIVAS COOPERATIVAS À DISCIPLINA

A educação construtivista não é pautada em deixar a criança fazer o que bem quer, a mesma é ativa e buscar através da cooperação trabalha na criança ao ponto dela criar suas próprias convicções, através de instruções, tornado ambiente propício para essas abordagens, ou seja, disciplinado através da cooperação. Piaget fez observação sobre as sanções uma é expiatória e outra por reciprocidade, e ambas tem papel fundamental em como as sanções serão práticas em sala e mostrar caminho e estratégias para professor lher dar com o mau comportamento em sala de aula. O desafio é ajudar as crianças controlarem os seus impulsos, é guiá-las em situação pessoais do seu cotidiano. A sanção expiatória ou punitiva visa a punição severa do ato cometido e vai na contra mão do construtivismo que acham sanções por reciprocidade mais eficaz, por que trás para aluno a consequência do ato para sua comunidade e querer restaurar, pois foi perdido vínculo social, e consequência são mais naturais e lógicas. Nesse contexto faz necessário seguir a orientação de Piaget para que as crianças, não confundam reciprocidade como medida punitiva, cabe ao professor implementar as nove diretrizes como alternativa para relação construtivista, nesse cenário não faz necessário a coerção do adulto, pois a criança com autonomia vai pensar como a experiência de seus erros, causa danos na comunidade que estar inserida.

5 METODOLOGIA

No presente estudo, o desenvolvimento da pesquisa sobre aprendizagem da moral na educação infantil se deu por meio da pesquisa qualitativa a partir do tipo de pesquisa exploratória. Nesse período trabalhei a moral com as crianças, através de histórias, revistas infantis, filmes, músicas, roda de conversas, desenhos e até pela fala das crianças, o tema chamou bastante atenção das crianças, embora que em alguns momentos ficassem dispersas sem atenção a atividade desenvolvida. Na realidade o ouvir a criança saber o que eles já trazem de casa, e o que o professor pode estar acrescentando para eles, e o primeiro passo para trabalhar a Moral. Por isso quando renovo o meu acervo pedagógico trazendo novidade para a classe observo que a criança se envolve melhor com as atividades desenvolvidas em sala de aula.

5.1 O CAMPO EMPÍRICO

A investigação foi realizada no Clube de Mães a Serviço da Vida e da Esperança e um escola Comunitária situada a rua Alameda das Pedreiras N 1 Bairro Calabetão -Salvador-Bahia. A escolha do local deveu-se ao fato de se tratar de um escola comunitária e de tempo integral, com números de alunos suficiente pra elaboração pesquisa proposta. Esta instituição é funciona de segunda a sexta no horário de 7 às 17 horas temos 3 turmas sendo que no grupo 4 temos 15 alunos, no grupo 5 temos 15 alunos e no grupo 3 temos 10 alunos. A minha observação foi no grupo 5 onde contém 15 crianças, no qual 6 foram escolhidas em virtude do seu desenvolvimento oral. O quadro funcional é composta de 3 professores pedagogos, 1 cozinheira, 1 auxiliar de serviços gerais, 1 diretor, 1 coordenador pedagógico, 1 porteiro. A escola possui 3 salas, 3 banheiros, 1 cozinha, 1 área de lazer e 1 parque infantil.

5.2 INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Segundo Bogdan, citado por Triviños (1987, p. 128), a pesquisa qualitativa tem como desígnio a realidade concebida como uma construção social, sendo que na pesquisa que ora se apresenta aborda a aprendizagem da moral na educação infantil, e procura compreender as inter-relações de determinado contexto histórico-social dentro da instituição escolar.

A pesquisa qualitativa preocupa-se com a compreensão e interpretação das relações que ocorrem em sala de aula, com base nas expectativas da entrevistadora onde a pesquisa de campo foi realizada. Seu propósito é a compreensão, a explanação e a relação do tema abordado sobre as situações que vivem no cotidiano da salas de aula. Nesta pesquisa, a fonte direta dos dados foi o próprio ambiente natural da sala de aula, por esta razão, a responsável por esta pesquisa esteve presente na escola.

Que deu oportunidade de explanarem suas concepções sobre o assunto, mas também suas conquistas no desenvolvimento da moral e do respeito entre os alunos. Por outro lado, ela se caracteriza por ser descritiva. Suas conclusões se baseiam nas descrições do real cultural que interessa ao pesquisador. Descrevendo pessoas, situações, acontecimentos. Que Segundo Lüdke e André (1986, p.12), “[...] a pesquisa qualitativa inclui transcrições de entrevistas e de depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos de documentos”. Neste tipo de pesquisa, o investigador se preocupa com o processo, e não simplesmente com os resultados e o produto, buscando retratar a realidade de forma completa e profunda, porque as ações serão mais bem compreendidas quando observadas no seu ambiente natural de ocorrência. O objetivo principal da pesquisa qualitativa é a construção de conhecimento sobre determinado contexto, evitando opinar sobre ele.

Diário De Campo:

Na minha pesquisa utilizei a sala de aula e também a área externa da escola, (parque) em umas de nossas atividades iniciei o conto de Pinóquio com o objetivo das crianças diferenciar verdade- mentira, e assim estar aprendendo um

pouco sobre valores morais. Nesta atividade participou 10 crianças sendo que foram observadas oito, que tiveram destaque na atividade realizada crianças responderam corretamente as perguntas feitas pelo professor.

- Tema: Literatura infantil e os valores éticos
- Idade: 5 anos de idade
- Objetivos: Estimular o diálogo e observar análise crítica.
- Materiais: Livros contos infantis
- Data 14/3

1 Momento:

A literatura infantil é uma maravilhosa fonte para trabalhar valores éticos, como respeito mútuo; justiça; diálogo e solidariedade. Porque trazem no seu conteúdo lições para a vida são de grande valor na formação do caráter.

As carteiras ficarão no formato de U;

O professor fará a leitura da história de Pinóquio para a classe;

Após a leitura haverá um debate direcionado pelo professor, sobre os valores éticos presentes na história e sobre as atitudes dos personagens.

Exemplos de questionamentos:

O que vocês acharam da atitude de Pinóquio ter fugido?

Pinóquio mentiu para seu pai Por quê?

Onde foi parar Pinóquio e seu pai?

Como vocês agiriam numa situação semelhante? Por quê?

Como vocês avaliam as escolhas dos personagens? Por quê?

Observação:

03 responderam as perguntas corretamente

02 respostas difusas

03 ficaram conversando e não responderam

2 Momento:

Indicação de histórias:

Pinóquio Cinderela e A bela adormecida, que tem como temas centrais como mentira a inveja, mostrando claramente que a falta de respeito mútuo pode causar na vida das pessoas, também mostra as dois tipos de vida: de um lado, a vida satisfatória, repleta de felicidade, pessoas que se respeitam e que amam tudo a sua volta; e de outro lado, o mais obscuro dos sentimentos, a inveja, o desejo de querer o que é do outro. Branca de Neve e os sete anões, onde a bondade e a solidariedade ficam evidente quando os sete anões abrigam a Branca de Neve.

- Tema: Brinquedos educativos
- Idade: 5 anos de idade
- Objetivos: Fazer com que o aluno faça uma reflexão sobre valores
- Materiais: Brinquedos
- Data 18/3

1 Momento:

Utilizei atividade na sala de aula, com brinquedos educativos com a turma, em certo momento observei que duas crianças brigavam por causa de alguns brinquedos, fui ao encontro deles e falei da importância do brincar em grupo respeitando o brinquedo que esta na mão do outro, mostrei para as crianças que na sala tinha uma grande quantidade de brinquedos que eles poderiam estar brincando sem a necessidade de pegar o do outro. As duas crianças que brigavam por causa do brinquedo se afastaram e foram em busca de outros brinquedos que estava disponível na sala.

2 Momento:

No parque, estávamos no recreio, quando em certo momento uma criança vai ao meu encontro e me diz: Pro meu colega não quer me deixar eu brincar no Parque!

Imediatamente me dirigir a criança que falava e disse: Vá chamar seu colega para conversarmos sobre isso!

Imediatamente a criança foi ao parque, e chamou o colega: A pró esta chamando você!

Logo vieram os dois ao meu encontro.

Perguntei: O que esta acontecendo com vocês? Me- digam!

Logo P disse: Ele falou que não vai deixar eu brincar no balanço!

S respondeu: Ele pró quer brincar toda hora não deixa ninguém brincar!

P falou Mentira! Ele ta mentindo!

Perguntei mais uma vez: mentindo? Quem esta mentindo?Devemos mentir? A pró ensina isso?

P falou: Ele mente mesmo pró!

Pró falou:Agora Chega vamos resolver esse problema!

Pró fala: P - S Vocês acham certo brigar por um brinquedo! Enquanto têm vários outros brinquedos ao nosso redor! Vejam temos o balanço, escorregadeira, carros, jogos educativos e vários quebra-cabeça, por que brigar por um brinquedo quando temos outros ao nosso alcance e que podemos brincar juntos! Vamos agora brincar juntos na escorregadeira! Onde sobe cada um, na sua vez?As crianças ligadas aos conflitos concordaram e foram brincar!

- Tema: Leitura livre
- Idade: 5 anos de idade
- Objetivos: Fazer com que o aluno faça uma reflexão sobre valores
- Materiais: Revistas, livros
- Data 8/4

1 Momento:

Durante a roda de conversas coloquei algumas revistas na sala para que as crianças entre si escolhessem uma historia para alguns deles contar.

Fiquei observando qual seria o critério que eles usariam para escolher quem iria contar a historia.

Em certo momento percebi que M e I disputavam um livro de historia.

Perguntei: O que esta acontecendo qual o motivo da disputa do livro!

Logo M respondeu: Eu quero contar a historia de chapeuzinho Vermelho! E I não quer deixar!

Falei para toda a turma: Prestem atenção vamos fazer uma votação quem quer que M conte a historia levante a mão! Alguns levantaram a mão e outros não!

Pró : Agora vamos fazer a contagem da votação!

Quem quer que M conte a historia do dia levante a mão! Algumas crianças levantaram e eu comecei a contar. Um dois três quatro cinco seis sete oito. Oito querem que M conte e dois não querem.

Pró : Agora respondam quem vai contar a historia de hoje?

Algumas crianças responderam: M minha pró! Ela e que vai contar!

Pró : Todos concordam?

Crianças: concordamos.

Todos fizeram silencio e M começou a contar a historia do dia que ficou decidido ser a de Chapeuzinho Vermelho.

2 Momento:

Após a leitura houve um debate direcionado pelo professor, sobre os valores éticos presentes na história e sobre as atitudes dos personagens

- Tema: Roda de conversa
- Idade: 5 anos de idade
- Objetivos: Fazer com que o aluno faça uma reflexão sobre valores
- Materiais: histórias infantis
- Data 14/4

1 Momento:

Comecei a roda de conversa contando a historia de uma bruxa que queria ir a uma festa onde se realizaria um concurso da bruxa mais bonita. As crianças ouviram a historia com atenção e ao final veio as perguntas:

M perguntou: pro a bruxa ganhou uma vassoura de presente.

I falou: foi pro ganhou uma vassoura.

P disse: a vassoura era grande e voava.

S logo disse: Pro a bruxa ficou muito feliz! Quando ganhou a vassoura.

Nesse momento entrei na conversa e falei! Vamos fazer o desenho da vassoura que a bruxa ganhou?

Todos concordaram e começaram a fazer o desenho da vassoura que a bruxa tinha ganhado. Depois que terminaram o desenho, fizemos a exposição dos desenhos feitos pelas crianças.

Para apreciação da classe.

2 Momento:

Todos concordaram e começaram a fazer o desenho da vassoura que a bruxa tinha ganhado. Depois que terminaram o desenho, fizemos a exposição dos desenhos feitos pelas crianças. Para apreciação da classe.

- Tema: Interpretação da imagem
- Idade: 5 anos de idade
- Objetivos: Fazer com que o aluno faça uma reflexão sobre valores
- Materiais: imagens, fotos,
- Figuras com situações de solidariedade, respeito mútuo, justiça, dialogo, zelo, lealdade, responsabilidade, honestidade, coleguismo
- Data: 27/4

1 Momento:

A classe foi dividida em grupos de até quatro alunos;

Os grupos receberam figuras que demonstraram valores e éticas para que os alunos

identifiquem esses valores.

Logo após montamos junto em grupo cartazes com os valores achados

2 Momento:

Logo após de ter montado os cartazes fizemos uma exposição no corredor da escola

- Tema: Análise de filme
- Idade: 5 anos de idade
- Objetivos: desenvolver a audição (ouvir o outro); refletir sobre as situações vividas pelo personagem do filme; relacionar as vivências familiares com as apresentada no filme; debater sobre as atitudes e dos personagens e comparar com as próprias vivências do dia-a-dia.
- Materiais: DVD, data show, Tv
- Data: 6/5

1 Momento:

Muitos filmes infantis trazem nas entrelinhas de suas histórias, valores morais e éticos que podem ser abordados em sala de aula. Dessa forma, o professor precisa aproveitar isso para atrair o aluno para assunto ético, porque o filme apresenta muitas possibilidades e dependendo da criatividade do professor em conduzir o processo lúdico de ensino, pode ser uma experiência riquíssima, principalmente considerando as possibilidades de se estabelecer uma relação entre o conteúdo do filme com a realidade, tornando a aprendizagem mais dinâmica, crítica e participativa. E com certeza a criança assimilará melhor as informações tornando-se mais crítica e coerente.

Os alunos assistiram ao filme;

O professor parava o filme em alguns trechos para que se tivesse um análise das atitudes dos personagens, para tanto havia um questionamento por parte do educador.

“O que aconteceu?”

“Vocês acham essa atitude certa ou errada?”

“Como vocês agiriam?”

Para que o trabalho não se tornasse cansativo, foi dividido em partes, em dias da semana. Assim o filme pode ser trabalhado durante uma semana.

Indicações de filmes e valores éticos que poderam ser abordados:

2-Momento:

Foi Indicações de filmes de valores éticos que foram abordados: Mulan- Pode-se trabalhar a questão da discriminação, da perseverança e da diferença entre os gêneros, porque é nesse filme mostra a época que as mulheres só serviam para casar-se e terem filhos, elas não podiam ter as funções e a liberdade de um homem.

O Corcunda de Notre Dame- pode-se trabalhar também a discriminação e a falta de solidariedade e respeito mútuo.

O espanta tubarões o professor pode trabalhar as conseqüências das mentiras, porque toda mentiras inventada por Oscar, o personagem principal acarretou em coisas boas e ruins, então o professor pode discernir junto com as crianças, o certo do errado.

Irmão urso- Nesse filme Kenai como resultado de sua jornada, começa a questionar tudo o que sabe e aprende várias lições importantes sobre o verdadeiro significado da fraternidade.

O professor pode trabalhar também a questão das aparências, como diz um velho ditado: "As aparências enganam".

- Tema: reflexão: Zelo com a nossa escola
- Idade: 5 anos de idade
- Objetivos: zelar pelo bom estado das dependências da escola; valorizar o patrimônio
- Materiais: cartolina, pincel atômico, fita adesiva.
- Data: 13/5

1 Momento:

Esta atividade também pode ser aplicada quando os alunos demonstram falta de zelo com a sala de aula e com a escola: jogando papel no chão, rabiscando carteira, colocando mãos sujas nas paredes.

Desenvolvimento da atividade:

A classe será dividida em grupos;

Cada grupo através de um sorteio saberá qual local da sala ira cuidar;

Os grupos também fará perguntas ao responsável pelo limpeza da sala para saber como funciona a conservação e como os alunos agem em relação a conservação deste local.

Será feito um cartaz pelo grupo com itens de conservação, esse cartaz será fixado na sala.

2 Momento:

O grupo ficará responsável durante a semana acompanhar seus colegas da sala se estão seguindo os itens do cartaz, para tanto colocaram uma fichinha na tabela de conservação.

Ao término da semana o grupo fará uma avaliação de como o local foi cuidado pelos alunos da sala e o que os alunos não fizeram, essa avaliação será feita num cartaz que será fixado ao lado do outro cartaz, aquele colocado com os itens de conservação;

- Tema Auto-avaliação
- Idade: 5 anos
- Objetivos: Fazer com que o aluno faça uma reflexão e auto-avaliação sobre suas atitudes; construir uma imagem positiva de si e o respeito próprio.
Materiais: figuras de personalidades, uma caixa de sapato com tampa, um espelho pequeno, papel color sete.
- Data 20/5

1 Momento:

Esta atividade também pode ser aplicada quando os alunos estão rotulando os colegas pelas ações, colocando apelidos.

Preparando a atividade:

Recorte as figuras de personalidades e as guarde;

Cole o espelho dentro da caixa de sapato e a tampe, encape a caixa com papel color sete.

Faça um recorte na tampa para que o aluno possa ver o próprio rosto na caixa de sapato.

2 Momento:

Faça um U de carteiras;

Coloque a caixa de sapato numa mesa e ao lado dela várias figuras de personalidades;

O professor explicará que cada aluno será chamado para dar nota de 1 a 10 as atitudes, valores éticos, da personalidade que estará na caixa, e que deverá explicar o que a personalidade tem de bom que recebeu essa nota. O aluno não poderá dizer para os colegas para qual personalidade o educando deu nota.

O professor terá que coloca a figura na caixa, mas na verdade a deixa num canto da caixa, para que o aluno possa ver apenas o espelho e a sua própria imagem. É importante que o professor valorize as atitudes positivas dos alunos.

5.3 RESULTADOS E DISCURSÕES

Através do questionário, foi possível analisar as respostas das crianças e observar que as crianças apresentavam características dos estágios da heteronomia e do nível pré-convencional. Conclui-se a partir das reflexões que os educando pesquisados relacionam a moral com a punição porque eram submetidos à relação de coação adulta que os aprisionavam nos estágios iniciais da moralidade. Observando o entrevistador no desenvolvimento da criança como um processo que ocorre numa rede de relações sociais, ou seja, ele acontece num contexto em que a criança é colocada, a todo tempo, em contato com outras

peessoas, sejam adultos, adolescentes ou até mesmo outras crianças. Estando assim de acordo com o que fixa o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil:

A interação social em situações diversas é uma das estratégias mais importantes do professor para a promoção de aprendizagens pelas crianças. Assim, cabe ao professor propiciar situações de conversa, brincadeiras ou de aprendizagens orientadas que garantam a troca entre as crianças, de forma a que possam comunicar-se e expressar-se, demonstrando seus modos de agir, de pensar e de sentir, em um ambiente acolhedor e que propicie a confiança e a auto-estima. A existência de um ambiente acolhedor, porém, não significa eliminar os conflitos, disputas e divergências presentes nas interações sociais mas pressupõe que o professor forneça elementos afetivos e de linguagem para que as crianças aprendam a conviver, buscando as soluções mais adequadas para as situações com as quais se defrontam diariamente.(RCNEI, 1998, p. 31).

5.4 CRONOGRAMA DA PESQUISA

CENAS DA PRÁTICA DOCENTE COM CRIANÇAS DE CINCO ANOS DE IDADE EM UMA ESCOLA COMUNITÁRIA NO MUNICÍPIO DE SALVADOR

DATA	IDADE	TEMA	OBJETIVOS	MATERIAS
14/3	5 ANOS	Literatura infantil e os valores éticos	Estimular o diálogo e observar análise critica	Livros contos infantis
18/3		Brinquedos educativos	Fazer com que o aluno faça uma reflexão sobre valores	Brinquedos
8/4		Leitura livre	Fazer com que o aluno faça uma reflexão sobre valores	Revistas, livros
14/4		Roda de conversa	Fazer com que o aluno faça uma reflexão sobre valores	Revistas, livros
27/4		Interpretação da imagem	Fazer com que o aluno faça uma reflexão sobre	Imagens, fotos

			valores	
6/5		Análise de filme	Desenvolver a audição (ouvir o outro); refletir sobre as situações vividas pelo personagem do filme; relacionar as vivências familiares com as apresentada no filme; debater sobre as atitudes e dos personagens e comparar com as próprias vivências do dia-a-dia.	DVD, data show, TV.
13/5		Reflexão:Zelo com a nossa escola	Zelar pelo bom estado das dependências da escola; valorizar o patrimônio	Cartolina, pincel atômico, fita adesiva.
20/5		Auto-avaliação	Fazer com que o aluno faça uma reflexão e auto-avaliação sobre suas atitudes; construir uma imagem positiva de si e o respeito próprio.	Figuras de personalidades, uma caixa de sapato com tampa, um espelho pequeno, papel color sete.

Fonte: pesquisa realizada em Salvador/2016 por Marivalda Cabé.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, com base nas revisões bibliográficas, observa-se que faz-se necessário uma coragem conjunta de todos os segmentos da sociedade para a efetivação, organização ou recuperação de alguns valores que acabaram se perdendo ao longo do desenvolvimento da sociedade. Piaget definiu a moral como “[...] um sistema de regras, e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras” (Piaget, 1994, p. 23). A sociedade, portanto, é organizada e estruturada por meio do respeito que o indivíduo adquire por essas regras, por meio do processo de troca entre os sujeitos, presente a essa revelação, acredito que a moral não nasce com os sujeitos, ela é construída e se desenvolve ao longo da vivência dos indivíduos, resultante e dependente das interações sociais e culturais pelas quais eles passam. O desenvolvimento moral, portanto, é idealizado como um processo consecutivo, desenvolvendo-se ao longo da vida e sendo aliado diretamente pelo sujeito. Na tentativa de subtrair situações de conflito e a falta de valores mínimos à convivência, e a educação moral mostra-se como uma das alternativas aceitáveis a esse enfrentamento que destrói muitas pessoas e castiga toda a sociedade. A educação moral colaboraria para a formação completa, consciente e livre dos sujeitos, que, por meio da reflexão crítica de suas ações e posturas, procurariam a melhor maneira de conviver com as diferenças, respeitando as suas limitações e as das pessoa com quem convive num ambiente harmonioso e significativo de boa relação.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei no 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. _____.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**, Resolução nº 5, de dezembro de 2009. Brasília: MEC, 2009.
- CUNHA, Mário Antônio Alves Da. **Literatura Infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 1997.
- Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei no 8.069/90, de 13 de julho de 1990. São Paulo: CBJA-SP, 1999.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- Freud, S. (1996). **O Ego e o Id. Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX: O Ego, o Id e outros trabalhos** (J. Salomão, Trad.). p. 164-167. Rio de Janeiro: Imago.
- KOHLBERG, Lawrence. **Psicologia do desenvolvimento moral**. Bilbao, Espanha: Editorial Desclée de Brouwer, 1992.
- LA TAILLE, Yves de. **Moral e Ética: dimensões intelectuais e afetivas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- LA TAILLE, Yves de. Piaget, Vygotsky, Wallon: **Teorias psicogenéticas em discussão/ Yves de La Taille**. Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. – São Paulo: Summus, 1992.
- LAVERBERG, Catarina. **Formação moral e ética dos alunos-cidadãos**. Revista Nova Escola. São Paulo: Abril. Edição 008, Junho/julho 2010.
- LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **A Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação**. Salvador, 2ª ed. EDUFBA, 2004.

MONTANGERO, Jacques; MAURICE-NAVILLE, Danielle. **Piaget ou a inteligência em evolução: Sinopse cronológica e vocabulário.** Porto alegre: Artmed, 1998

PIAGET, Jean. **O juízo moral da criança.** 2. Ed. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança.** Tradução Elzon L. 2. ed. São Paulo: Summus, 1994.

SOUZA, Solange e Jobim; CASTRO, Lucia Rabello. **Pesquisando com crianças: subjetividade infantil, dialogismo e gênero discursivo.** In: CRUZ, Sílvia Helena Vieira. (Org.). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisa.* São Paulo: Cortez, 2008. p. 52-78.

VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez. **Ética.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica.** Porto Alegre: Artmed. 1924/2003.

_____. **A linguagem e o pensamento da criança na teoria de Piaget.** Estudo crítico. In: VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem.* São Paulo: Martins Fontes. 1932/2001. p. 19-96

VRIES, Rheta, De. & ZAN, Betty. **A ética na educação infantil - o ambiente sócio-moral na escola.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ZAN; Betty. **A ética na educação infantil - a ambiente sócio-moral da escola.** Tradução Fátima Murad- Porto Alegre: Artmed,1998. Pag.206.